

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

III



OFERTA

JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

Posfácios de SEBASTIANA FADDA
e de JOSÉ MASCARENHAS

III

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

A ESCOLHA ACERTADA

Assim, a escolha de uma profissão é uma decisão que deve ser tomada com muita atenção e cuidado. É importante considerar os interesses, as habilidades e as oportunidades disponíveis no mercado de trabalho. Além disso, é essencial avaliar o impacto social e econômico da profissão escolhida.

Uma profissão escolhida com sabedoria pode proporcionar uma vida mais satisfatória e produtiva. É importante lembrar que a escolha profissional não é definitiva e pode ser revista ao longo da vida. Portanto, é essencial manter-se atualizado e aberto a novas oportunidades.

Em resumo, a escolha de uma profissão é uma decisão crucial que deve ser tomada com cuidado e atenção. É importante considerar os interesses, as habilidades e as oportunidades disponíveis no mercado de trabalho. Além disso, é essencial avaliar o impacto social e econômico da profissão escolhida.

Portanto, a escolha de uma profissão é uma decisão que deve ser tomada com muita atenção e cuidado. É importante considerar os interesses, as habilidades e as oportunidades disponíveis no mercado de trabalho. Além disso, é essencial avaliar o impacto social e econômico da profissão escolhida.

Em suma, a escolha de uma profissão é uma decisão crucial que deve ser tomada com cuidado e atenção. É importante considerar os interesses, as habilidades e as oportunidades disponíveis no mercado de trabalho. Além disso, é essencial avaliar o impacto social e econômico da profissão escolhida.

Assim, a escolha de uma profissão é uma decisão que deve ser tomada com muita atenção e cuidado. É importante considerar os interesses, as habilidades e as oportunidades disponíveis no mercado de trabalho. Além disso, é essencial avaliar o impacto social e econômico da profissão escolhida.

UMA ESCOLHA QUE DESINQUIETA

Ao confrontar a voz directa do Autor que se exprime em Outros Escritos com a voz da protagonista de *A Escolha Acertada* — Conceição (o mesmo nome da outra...¹) — não podemos deixar de nos surpreender pela absoluta diferença de tom, de registo, de intenção, de atitude.

Claro que sabemos que Conceição (ou Gabriela?) é personagem de ficção, que tomou de assalto a vontade de um Autor (atreito a ser assediado) e que impôs as suas regras de palco. Mas perguntamo-nos se a esta figura também se aplicará o que o Autor escreveu em «Uma maneira entre outras de escrever teatro»: «... as minhas caríssimas personagens, dando corpo e voz àquilo que eu penso que queria dizer, mas não era capaz de dizer sozinho». E o que será, então, que Jaime Salazar Sampaio pode querer dizer por ela?

Que a figura não é particularmente atraente até o Autor o reconhece: «uma personagem a quem não apetece estender a mão. E, muito menos, emprestar o corpo». Então vejamos como poderemos pensar o seu lugar e função na dramaturgia de JSS, já bem estudada por Sebastiana Fadda na Introdução às *Obras Completas*².

Reconheço nesta peça alguns dos contornos do seu universo ficcional: a definição de um interior doméstico de que decorre um sentido intimista, a presença de uma figura dominante que se explica ou narra, a caracterização de relações humanas segundo as leis da oposição, uma estrutura de acção assente em efeitos de indecidibilidade e surpresa, alguns específicos processos estilísticos de escrita e esconjuro cénico.

O interior doméstico reclama-se da feminilidade, integrando adereços como toucador, espelho, biombo, bonecas decorativas, muitos vestidos, além dos vários «apetrechos» para pentear e maquilhar. Mas, para além da expressa indicação do

¹ Jaime Salazar Sampaio, *Conceição ou um crime perfeito* (1962-1977).

² Sebastiana Fadda, «A poesia encoberta no palco despido», Jaime Salazar Sampaio: *Teatro Completo* (2 vols.). Lisboa: INCM, 1997, pp. 9-21. Ver também *O Teatro do Absurdo em Portugal* (Lisboa: Cosmos, 1998, pp. 311-346) da mesma autora.

Autor de que os móveis deverão ser apenas apontados e «nunca — mas nunca! — reproduzidos de feição realista», outros factores há que procuram revelar a inconsistência do lugar, do tempo e da situação. Um deles é o relógio que, a cada referência ao tempo, desata a dar as horas da forma mais desordenada que é possível. Há depois a evocação de um ambiente «social» relativamente fora de moda, em que comparecem governante (nunca visível, alguma vez credível?), uma criadita (improvável na sua compleição morena, na sua condição de surda-muda), um estilo autoritário de tratamento e relação (que lembra talvez Arrabal). Pontos que poderiam muito provavelmente configurar um exercício parodístico sobre o esquema de uma comédia de costumes.

Nesse escorregadio lugar/tempo de acção, a figura feminina, como muitas vezes acontece no teatro de JSS, ocupa o centro e faz-se rodear de algumas presenças «cúmplices». Refiro-me aos presumidos objectos fetiche da feminilidade (vestidos, bonecas, adereços de maquilhagem...), mas também ao espelho que atesta o desdobramento de si própria, ou à figura da criadita que confere ao monólogo de Conceição foros de um «diálogo» (inoperante, contudo, se acreditássemos tratar-se de uma surda-muda a quem se fala de costas voltadas para ela, impedindo a leitura do movimento dos lábios).

A centralidade da figura feminina e o modo como ela ocupa aquele universo parecem tocados de uma visão algo misógina: porque se insiste no autoritarismo despótico desta mulher, nas suas constantes e violentas alterações de humor, num desdobramento quase esquizofrénico da sua personalidade, na alternância de atracção e repulsa que ela concita e impõe, numa hipotética relação sadomasoquista muito tenuemente suspeitada e logo invalidada (pela clara indiferença da criadita).

É certo que as relações entre personagens no mundo dramático de Jaime Salazar Sampaio são normalmente expostas segundo as leis da oposição e conflito, o que, referido às relações entre os sexos, lembra o teatro de Strindberg, como bem anota Sebastiana Fadda³. Nesta peça, porém, essa oposição vem reportada não apenas à relação entre sexos (e à ideia de casamentos frustrados), mas também ao campo do social (na oposição estudante rica *vs.* explicador pobre; patroa *vs.* criada) e à avaliação, ainda que ligeira, do campo político, com as «desrazões» capitalistas que incitam ao despedimento de operários, e a referência aos contestatários que, por vezes, se deixam comprar por essas desrazões, abdicando dos seus princípios.

A imponderabilidade de humores e actuações da protagonista prolonga-se em alguns efeitos de surpresa quer no desenho da acção, quer em algumas soluções cénicas. Assim, as constantes ordens e contra-ordens com que azucrina a criada, a surpresa pelo que cai da chapeleira, os ritmos diferentes impostos pelas oscilações entre lentidão e frenesim, bem como o inesperado desenlace da peça com o regresso à rotina quotidiana e ao afundamento das expectativas de que haveria um velório eventualmente muito participado.

Por entre todos estes elementos em permanente convulsão (interceptando expectativas, desenganando o leitor/espectador), introduzem-se outras marcas da escrita de JSS: um humor quase negro, uma ideia permanente de jogo (com as

³ *Ibidem*, p. 9

palavras, com os objectos, com a contracena), as várias sentenças inventadas, algumas disposições de cena (uma mala de viagem, incertas suspeitas de um crime...).

De alguns dos sentidos para que abre esta peça fala-nos o Autor, outros imaginará o leitor/espectador. Porque a ambiguidade se insinua, afinal, nos planos vários da sua construção: diferentes são as escolhas sugeridas como «acertadas» (poderá ser uma escolha de vestidos, de relações de amor, de acções), várias são as explicações insinuadas (para cada acção, para a situação em geral), diversos são os juízos sobre esta «personagem/mulher sem qualidades».

Talvez que ela, na irritação que pode provocar, nos incite a pensar numa temática que não deixa de «existir no ar» e que difusamente se introduz quase obsessivamente na dramaturgia de JSS: a solidão. Aqui surge mesmo numa irónica declaração da protagonista: «Mas até na solidão uma pessoa precisa de boa companhia.»

Poderá o Autor dizer-nos, para nos consolar, que «a solidão... é só um nome como qualquer outro», mas não deixa de ser um espectro temível que esta peça, pela voz da condenável Sr.^a Conceição, convoca em cena. Com a «secura» de uma escrita que premeditadamente desinquieta.

MARIA HELENA SERÓDIO